



«REDACÇÃO DO ESPOZENDENSE»

Semario republicano, independente defensor dos interesses deste concelho

Director, administrador e proprietar, — José da Silva Vieira

Editor — Julio de J. Giesteira Lima

Composição e impressão — Typ. Espozendense — Espozende

ASSIGNATURA Anno, sem estampilha 85000 rs. — Numero avulso 200 rs. — Com
estampilha e para fóra 105000 rs. — Brasil, (Molda forte), 305000 rs.
Pagamento adiantado. Redacção e administração — Rua Veiga Beirão, 7 a 9 — Espozende.

ANNUNCIOS Judiciaes: linha ou esp. de linha 80 c. Repetição, 70 c. — Comum, ou re-
clames, linha 25 c. Imposto do selo, cada publicação, 75 c. — Anuncios
particulares: linha 50 c. Reclames a obras literarias med. um exemp. Não se restituem originaes.

A linha ferrea do Vale do Cavado

Consta-nos que no ar brumoso das secretarias do Estado, algumas dificuldades de natureza contractual se têm levantado acerca da construção do caminho de ferro do Vale do Cavado.

Na altura a que este projecto chegou, quer no que diz respeito á sua execução por parte da Empresa concessionaria, quer pela acalentadora certeza que os povos d'esta região já começaram a adquirir sobre esse melhoramento, a menor hesitação que haja, o menor obstaculo que surja, poderá transformar-se na derrocada subita d'um facto que já se julgava meio realiado.

Para a frente é que deve ser o caminho, sem tergiversações nem desanimos, todos acordes n'um movimento de execução e consecução rapida. Por isso é que, ao chegarmos a noticia de que pequenos attritos se esboçaram em Lisboa contra a companhia concessionaria, o nosso esforço deve congregar-se no sentido de que todos os entraves desapareçam, todas as facilidades legalmente admissiveis se concedam em prol d'essa grandiosa obra.

Muito pode e mesmo deve, n'esse sentido, fazer a Camara Municipal d'este concelho, bem como as Camaras municipais dos outros concelhos interessados.

Se as tutelas são necessarias, sob o ponto de vista administrativo, no que respeita á fiscalisação e protecção a dar aos povos tutelados, tal facto não envolve a ideia d'uma absorvente acção do Estado, no mero sentido de contrariar pelo simples capricho

de contrariar. Um valor mais alto surge e esse é, sem duvida, a necessidade local imperiosa de construir essa linha ferrea, sem a qual não se deve pensar no desenvolvimento material d'este concelho. Isto é o muito mais que a intelligencia e o acendrado patriotismo dos edis da Camara d'Espozende lhes inspirará, é que cumpre dizer ao governo, de forma a que não se criem embaraços, mas sim auxilios á companhia que se propoz levar a cabo a construção do caminho de ferro. E com tenacidade, com energia, conseguir-se-há salvar ainda esta ideia, que já era mais do que um projecto em marcha, de se construir uma linha no vale do Cavado. Que não haja delongas, tambem, e olhos postos na acção que a Camara Municipal de Braga, com uma tenacidade e orientação digna de ser imitada e louvada, está seguindo quanto á construção da linha do vale do Lima, o mesmo faça a Camara Municipal d'Espozende, para que em breve seja um facto, e não venha a ser mais uma esperanza morta, a construção da linha projectada.

A praça da Camara

Continuemos. Parar é morrer, dizia o grande estadista Fontes.

Não nos esqueçamos do cumprimento dos nossos deveres. Nós todos, residentes nesta terra tão rodeada de empolgantes panoramas quanto isolada do concurso material dos seus filhos, temos o indeclinavel dever de lhe zelar os interesses e a formosura.

Mas os snrs. edis, que aceitando os cargos para que

foram eleitos implicitamente lançaram sobre os seus ombros o encargo da administração municipal, a eles mais do que a outrem impende o dever de velar por isto que herdamos de nossos maiores e que não devemos deixar cair.

Nós sabemos que o cofre municipal está vazio, mas já com a gaveta aberta para arrecadação da receita choruda pela cobrança dos impostos. E mais sabemos que a maior miseria a socorrer é a da iluminação publica, — miseria tão grande que nem graxa tem.

Sabemos tudo, mas para a reparação da praça da Camara não pedimos ao cofre novos encargos, — pedimos só a prestação de trabalho e a pedra da cadeia.

Consta que o snr. presidente renunciára ao seu lugar, o que sendo certo, sinceramente lamentamos, porque desde Manoel Viana não tivemos ainda outro homem que marcasse a sua passagem pelas cadeiras do municipio com as reformas que Firmino Loureiro nos legou.

E' isto um facto, em que pese áqueles que, tendo azas para voar mais alto, não quiseram sequer seguir-lhe a esteira...

Mas teremos, então, nova presidencia transitoria, e se ela fór o snr. Dr. Torres, aqui lhe diremos que, para honra sua e confirmação dos seus meritos, é mister ordenar a restauração da praça, ao menos para mostrar aos seus detractores que a mão que fez demolir o infecto casarão da cadeia, — que o critério facioso julga de exclusivo beneficio para o snr. Dr. Souza Ribeiro, — é tambem capaz de reparar a praça que os seus predecessores desmancharam e da qual nem ao menos se pode dizer que fosse para beneficio de

alguem, a não ser dos mestres de obras que hoje la fazem deposito de material.

Esperemos, pois, esperançados em que no horizonte volte a brilhar a bra estrela cuja luz guiadora há muito deixou de ensinar o caminho a este povo precatado e sófredor.

E se ela voltar, — ah, tenhamos fé! — lembraremos á Camara a conveniência de presentear o snr. zelador com uma nova edição do cavaleiro de Tolentino, para que ao conduzi-lo pela arreata ao pascigo da Ribeira, ambos possam limpar os pés naquele macio tapete de mato que o filosofo Antonio Luiz tem quase diariamente á porta, a curtir na rua, como que se estivesse em Gandra...

DE LONGES TERRAS...

E ao ler a noticia da tua morte, ó meu querido e velho amigo Henrique, as lágrimas saltaram-me dos olhos, em bagaudas enormes! E eu li essa noticia por mais de uma vez, tão mentirosa ella me parecia! Pois morreu-se assim em plena mocidade, quando a vida nos sorri, cheia de alegrias, repleta de bem estar?

Meu pobre e querido amigo, meu santo e velho camarada, queridoíssimo companheiro de horas tam bem passadas!

E a sua morte parece-me a ilusão de um sonho, o seu desaparecimento do meio dos vivos a falaz ilusão de uma mentira! E que a morte, a morte do querido Henrique Barros Lima, deixa um vazio no meio dos homens da minha terra, que por ella qualquer de algo poderiam fazer, foi-se um patriota, foi-se uma alma generosa e boa, santo coração de bondade, bellissimo exemplo de termura e afecto. E é a estes que a Morte leva, implacavel e feroz, por ahi, a vegetar, tanto inutil e mau! Quando havia tanto a es-

perar da sua actividade da sua força de vontade, dos seus desejos de ser útil á terra que o viu nascer e áquella onde agora estava, tambem sua, por ser a terra de sua querida e ora desolada Mãe, uma estúpida doença, a elle medico distinto, leva-o assim mesmo sem de nada lhe valerem os extremos carinhos dos seus votos fervorosos dos seus tantissimos amigos, as orações de tantos, que por elle deveriam ter orado.

E a sua morte, disem-m'o pessoas queridas, que fora a morte de um justo; consolado com os Sacramentos da Igreja, sacratissimo viatico para tam longa jornada, elle foi buscar no seio do Altissimo, a paga das suas tantas e tam grandes qualidades! E suas ultimas disposições mais o atestam e confirmam. São as disposições de um bom e santo coração, são as firmes vontades de um patriota e de um justo.

E como, meu pobre e saudoso amigo, me fazes lembrar o coração e a bondade de teu venerando e saudoso Pae!

E á mente, vem-me a ultima vez que te vi, aqui n'esta Africa, onde vieste cumprir as obrigações de bom portuguez na defesa da nossa querida Patria, a cujas obrigações tantos fugiram e buscar, quem sabe, o germen da doença que te prostou! E que planos, que ideias generosas e de util para a nossa querida terra, nós projectamos, n'aquelle almoço que te ofereci na minha casa de Maquival, onde eu então estava! e que teriam realisação em um dia, que eu tambem iria para a nossa querida Espozende! E tudo isso, ainda mais me mortifica e me aviventa a enorme saudade, que me faz a tua morte! E um dia, quando eu ahi fôr, sabe Deus se eu irei, já não tenho a ajudar-me a tua vontade, a auxiliar-me o teu conselho, meu querido e Santo amigo. E que Deus Nosso Senhor, no seio o qual deve repousar a tua alma de justo e bom, te recompense, mil por um, o bem anonimo que sempre fisestes e aquele que ainda terias a faser!

A sua Mãe, a sua queridissima Mãe, a suas conternadissimas irmãs, a seus queridos irmãos e meus velhos e bons amigos Drs. Ramiro e Arthur, ao Neco e ao Lauró, a seus cunhados João e Augusto Barros o sentido e profundo da minha dôr, que eu a todos já expressei por telegrama,



PROPRIEDADE

Vende-se uma em Terroso, toda morada, tem casa e dá magnifico vinho e fruta.

E' pequena e está bem tratada.

que fiz expadir logo que tive conhecimento de tal lugubre noticia. E todos elles sabem bem, porque me conhecem, o quantum de dôr e de saudade, vae no meu pobre coração.

Aqui, pois, mais uma vez, lhes expresso o profundo sentimento do meu pezar.

Até um dia, meu querido e saudoso Henrique. VALE, TER, VALE, AMICE.

Quelimane--novembro--de 24.

Xavier Viana.

Pedido de mãe

Eu sou uma das mais antigas vilas de Portugal.

Os meus principios remontam aos tempos dos mouros e romanos, e não sei se fui coeva dos celtas ou iberos,—tão longa é a minha vida!..

E depois de tantas centenas de anos encontro-me quasi no estado primitivo, sem commercio, sem industria e sem instrucção!

Outro tanto não tem succedido a muitas de minhas irmãs, a quem seus filhos tem engrandecido, pondo a favor delas o seu braço e a sua intelligencia.

Vila Nova d' Gaia, que comigo vin os lampejos da espada de D. Afonso Henriques, combatendo pela independencia, enriquece e embeleza a sua area, edificando e construindo. Corta serras, traça avenidas, dá impulso ao commercio, industria e instrucção, conservando as suas antigas officinas de tanoaria e armazens de vinhos..

Barcelos, que tambem viu o amanhecer da nossa nacionalidade, quedando-se por largo tempo em profunda letargia, ressurgue finalmente como a Fenix que renasce das proprias cinzas, alarga a sua superficie, monta fabricas, engrandecê a feira de grande nome, e torna-se uma das vilas mais importantes do Minho.

Fafe, minha irmã mais nova, abre ruas largas, como avenidas, asseadas e limpas, circundadas de casas brancas como as neves do Marão, que lhe fica vizinho, e o sibilar do comboio e das maquinas de fabricas que fumegam por altas cheminés, são mais um sinal de que ella é um centro de progresso, trabalho e vida.

Povoa de Varzim, ainda ha pouco um montão de humildes choupanas, é hoje uma florescente vila, onde progride, a par, o commercio, a industria e a instrucção.

E até Fão, que tem as suas escolas officiais frequentadissimas, cujas illustradas professoras cumprem cabalmente os deveres de sua profissão, obedecendo á lei e não a caprichos, onde o commercio e a industria comecam a dar sinais de progresso, será em tempos proximos, por este caminhar, superior a mim.

E' digno de imitação o exemplo dos filhos das muitas florescentes irmãs.

Eu tambem sou mãe. Tenho filhos, não tenho orfãos.

Não engana o amor de mãe: conhece-se pelas lagrimas dos olhos, pelos soluços do peito pe-

la quentura e sorrisos dos labios, pelo arfar do coração

Pagai-me o amor com a noção, o trabalho com trabalho as magoas com sorrisos.

Bu eridi-vos: fiz-vos homens. Eu eduquei-vos: fiz-vos cidadãos.

Precis o vosso amparo, o vosso socorro, da vossa protecção.

Tornai-me uma vila florescente, como as minhas irmãs, onde o progresso risga novos horizontes, tornai-me até a na cidade, que é essa a minha aspiração.

Não me deixeis morrer, porque; morrendo eu, vós morrereis comigo.

A Maritima

AGENCIA DE PASSAGENS E

PASSAPORTES

—DE—

CANDIDO V. CARNEIRO

Legalmente habilitado.

A unica na Vila de Espozende.

Largo do Dr. Fonseca Lima (em frente ao Registo Civil e Recebedoria)—Espozente.

OS FALSOS AMIGOS

No pequeno lugar de Amparo, freguezia de Apulia, dá-se um caso nunca visto: um lavrador de avultados bens, tem uma filha que sofre ha oito anos ou mais, de uma doença interior soffrendo dia e noite, mês e ano, horribéis dôres; a classe medica depois de lhe receitar os medicamentos todos, e a doença não obedecer aos remedios, aconselharam a doente e seus pais, que só por meio d'um tratamento cirurgico ella obtinha a saude; o pai da doente é só amigo de guardar, e não de gastar; alem disso, governa-se por pessoas que o aconselham mal.

A doente apertada com o soffrimento, obriga-se a ir arrasta aos pés das autoridades administrativas a Espozende, com as ditas cartas dos facultativos, dizendo-lhe que seus pais preferiam vê-la morta, mas nunca iria a sala de operações. Os medicos escrevem cartas ás autoridades afirmando a sua opinião, as autoridades chamam á presença os pais da doente, e dizem-lhe que cumpra com os conselhos da cirurgia, se é que a doente é sua filha. O pai da doente querendo fugir á quantia que era orçada para as despesas querendo antes vêr sua filha doente toda a vida, vai-se aconselhar com amigos falsos da beira da porta; esses amigos, principalmente um que sempre o acompanha, não para lhe aumentar os bens, mas sim para ir comendo á custa d'elle, dá-lhe de conselho que as autoridades não podem obrigar o pai a tal caso; que a filha é obrigada a sofrer as torturas da doença por maiores que sejam, é a filha que não pode exigir a saude ao pai, ainda que os medicos achem que a doente melhora se o pai abonar essas despesas.

Ora vejam que amigo é este. Que odio não deve ter a doente a esse homem, que não só trata de o comer, como ainda de o fazer soffrer, quando podia aconselhar que procurasse a saude da sua querida filha. Este homem é mais cruel que o pai, porque o domina em tudo, e o pai como sempre se governou por elle, embora mal, deixa-se levar como se deixou Adão, por Eva no Paraíso Terrial.

Isto faz-nos lembrar aquelle caso do Filho Prodigio, que seduzido por falsos conselhos que lhe dava o falso e seductor amigo Rodrigo não só lhe apanhou tudo, como ainda depois escarnecia dele e fugia para o não amaldiçoar pelos falsos conselhos que lhe deu

Ainda há mais sedutores e na data actual, appareceu um, n'o se lembra que desly a infancia tem anido sempre com intrigas e torturas e que afinal está sempre na cepa lorta, porque lá diz o duado (o dinheiro mal ganhado, agua o dá e agua o leva); não se lembra que por causa das suas iniquidades e vícios perdeu de ganhar o seu ordenado que era ganho embora pelo seu corpo mas dirigido pelo seu superior. Ah! como ter a consciencia de tais cousas fazer! Um homem que mete na cabeça tais conselhos, a um pai que tem uma filha, neste estado e que o domina para resistir contra as autoridades e contra a medicina dizendo tais heresias, é um homem sem raciocinio, sem dignidade sem temor de Deus, depois de ser homem de catequese e de diocese. Todavia vemos os erros miúdos nos homens que deviam ter estudado para dar os bons conselhos aos pais de familia, parece que estudaram os vícios, os erros, os fracos conselhos, as rentes de apanhar os bens aos lavradores com falsos conselhos, dizem'o-lhe que antes dê o dinheiro a elle do que aos medicos, que a'nal os medicos que lho comem e a doente que não melhora, e elles que lho não agradecem porque são medicos do Porto, e elle é visinho, e que está pronto para fazer tudo que possa. Ora aqui estão os conselhos postos em publico. E a doente cada vez peor, os soffrimentos a aumentar e talvez até os seus dias de vida a serem poucos, depois de poder-se recuperar a saude, de uma moça de vinte e quatro anos, na flor da idade. E a culpa de quem? Culpa de um falso amigo. Culpa de um seductor que tem aconselhado seu pai, môrta ou não môrta, mas não se deixe levar pelos conselhos dela, nem dos medicos, nem das autoridades.

ESCANDALO

Podem-se providencias a quem compete, para a repressão de actos imoriais praticados, de noite, no recinto das escolas desta vila.

Tambem o portão de serventia exclusiva para as escolas e familias que nelas habitam, não deve servir, ás tardes, de exhibição de scenas reparaveis para quem passa, e de triste exemplo para crianças que, estando ás janelas fronteiras, fatalmente tem de observar.

Providencias.

TRES PATOS NA ALDEIA

Trez patos se dirigiram para um certa aldeia por causa dum arroz de frango que um outro tinha p'ra ceia.

E o F. que não é tólo, Tambem se enganou sem querer, Com as cantigas do mano, Mas, veio se arrepende.

O filósofo apressado, Tambem caiu na esparrela; Mas quando chegou ao sitio, Ficou de cor amarela.

E o tal das clarinhas Arvorado em sacristião! Até deixou St.ª Antonia Só para entrar na função.

Assim saíram os três, Quasi a dançar o Tango, E sabem porque... leitores. Por causa do arroz do frango.

Falecimento

Depois de prolongado soffrimento, faleceu hontem, na sua residencia á rua do Estaleiro, d'esta vila, o snr. João Fernandes Loureiro, antigo mestre de navios mercantes de alto bordo.

Paz á sua alma e o nosso cartão de sentidos pesames a sua familia.

AGENDAS E MACETES PARA 1925
A' venda na Typografia Espozendense.